



**MARIA NEGRA: A VISÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA
ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS E A RECEPÇÃO LITERÁRIA DO “CLUBE
DE LEITURA VIRTUAL JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA”**

**MARIA NEGRA: THE VISION OF THE BLACK WOMAN IN THE WORK
ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS AND THE LITERARY RECEPTION OF THE
"VIRTUAL BOOK CLUB JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA"**

Luciana Ferreira Leal ¹
João Pedro Barreto Laurindo ²

RESUMO: Com o objetivo de compreender a importância dos clubes de leitura no Brasil como lugares privilegiados de formação leitora, destaca-se a recepção da obra *Anarquistas, Graças a Deus* (1979) de Zélia Gattai. Em especial, analisa-se a presença da personagem Maria Negra, nessa obra, que foi lida pelos integrantes do Projeto de Extensão “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza”. Esse clube de leitura é resultante de projeto de extensão, que tem como público alvo alunos do curso de Letras da UNESPAR, bem como a comunidade de Paranavaí (PR) e região, além dos estudantes do curso de Pedagogia da FACCAT, e comunidade de Tupã (SP) e região. Por meio dos relatos de leitura dos integrantes, respostas do formulário de presença *on-line* e comentários escritos no *chat*, foi possível compreender como os temas e a estética presentes no livro foram recebidos por cada integrante, com diferentes perfis e experiências de leituras. Dado o contexto, a partir dos comentários dos membros do clube, é possível compreender como os leitores percebem e analisam a situação da mulher negra brasileira a partir da leitura do livro *Anarquistas, Graças a Deus*, com foco em Maria Negra. O texto divide-se em duas partes: uma leitura sócio-histórica da personagem em pauta, sustentada por registros históricos que descrevem a condição da mulher afro-brasileira pós-abolição, e como a literatura de Gattai reflete essa situação; e na sequência, os comentários e opiniões dos integrantes do clube de leitura a respeito do tema.

Palavras-chave: *Anarquistas, Graças a Deus*; personagem negra; literatura; clube de leitura; recepção.

¹ Pós-doutora (2014) e Doutora (2006) em Letras, pela Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis, com estágio de Doutorado Sanduíche (bolsa CAPES) junto à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real, Portugal; Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2000). Professora adjunta de Literatura de Línguas Portuguesa da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí) e membra dos grupos de pesquisa: GELLE (Grupo de pesquisa em língua, literatura e ensino) e NIPELL (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura). E-mail: luciana.leal@unespar.edu.br

² Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí). Foi bolsista da Fundação Araucária – Projeto de iniciação científica intitulado “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza”. E-mail: joapblaurindo@gmail.com

ABSTRACT: With the aim of understanding the importance of book clubs in Brazil as privileged places for reader development, this study focuses on the reception of the work *Anarquistas, Graças a Deus* (1979) by Zélia Gattai. Specifically, it analyzes the presence of the character Maria Negra in this work, which was read by members of the Extension Project "Virtual Book Club João Anzanello Carrascoza." This book club is the result of an extension project that targets students from the Letters course at UNESPAR, as well as the community of Paranavaí (PR) and the surrounding region, in addition to Pedagogy students from FACCAT and the community of Tupã (SP) and the region. Through the participants' reading reports, responses from the online attendance form, and written comments in the chat, it was possible to understand how the themes and aesthetics present in the book were received by each member, with different profiles and reading experiences. Given the context, based on the club members' comments, it is possible to understand how readers perceive and analyze the situation of the Brazilian black woman through the reading of the book *Anarquistas, Graças a Deus*, with a focus on Maria Negra. The text is divided into two parts: a socio-historical reading of the character, supported by historical records that describe the condition of Afro-Brazilian women after abolition, and how Gattai's literature reflects this situation; and subsequently, the comments and opinions of the book club members regarding the theme.

Keywords: *Anarquistas, Graças a Deus*; black character; literature; book club; reception.

1 INTRODUÇÃO

Umberto Eco (2003) postula que a literatura formula identidade de um povo, uma vez que, conforme aponta a filosofia platônica, a arte como um todo é tida como uma representação do mundo real, isto é, uma impressão da realidade em um mundo criado. Por meio da linguagem, descrevemos aquilo que conhecemos, já que os seres humanos possuem dada constituição social, história e ideológica, conforme o contexto em que estão inseridos. Nesta ótica, tendo em vista que haja um certo afastamento temporal, é possível observar características comuns em obras de um mesmo período ou local. Percebe-se, portanto, uma visão analítica de certos padrões sociais e psicológicos de um determinado povo, em um dado momento da história.

Sendo assim, existem marcas culturais explícitas em textos de literatura que permitem a formulação de hipóteses e entendimento de certas convenções sociais. Com este norte, o artigo em questão busca compreender como a mulher negra é representada no romance autobiográfico de Zélia Gattai, *Anarquistas, Graças a Deus* (1979), tomando como objeto de análise a personagem Maria Negra, empregada residente na casa da família da escritora e frequentemente presente no texto.

A partir deste viés, é possível compreender a função que as mulheres negras desempenhavam na sociedade brasileira na primeira metade do século XX, a forma com que eram vistas e porque detinham tal posição. Além disso, observar e obter as visões de leitores do século XXI sobre Maria Negra, uma metonímia das mulheres em condições análogas. Para tanto, utilizou-se as considerações dos integrantes do “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza”, um projeto de extensão da Universidade Estadual do Paraná (campus de Paranavaí), em parceria com as Faculdades FACCAT de Tupã/SP.

O projeto tem como finalidade a democratização do acesso à literatura e a interação de leitores a respeito de textos previamente estabelecidos. Com o apoio da editora Companhia das Letras, o clube reúne-se mensalmente para a discussão de um livro, via *Google Meet*. A partir do diálogo entre os integrantes, comentários via *chat* e respostas ao formulário de presença é possível entender como um mesmo

livro pode chegar de maneiras diferentes a cada tipo de leitor, haja vista que o público do clube é bastante heterogêneo. Como se trata de um programa interinstitucional, o clube de leitura destina-se a acadêmicos de Letras Português e Inglês da Universidade Estadual do Paraná, bem como a comunidade – acadêmica ou não – de Paranaíba/PR e região, e aos discentes de Pedagogia da FACCAT e comunidade de Tupã/SP.

Dado o contexto, a partir dos comentários dos membros do clube, é possível compreender como os leitores percebem e analisam a situação da mulher negra brasileira a partir da leitura do livro *Anarquistas, Graças a Deus*, com foco em Maria Negra.

O texto divide-se em duas partes: uma leitura sócio-histórica da personagem em pauta, sustentada por registros históricos que descrevem a condição da mulher afro-brasileira pós-abolição, e como a literatura de Gattai reflete essa situação; e por fim, os comentários e opiniões dos integrantes do clube de leitura a respeito do tema.

2 MARIA NEGRA, PERSONAGEM DE *ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS* (1979)

Zélia Gattai Amado de Faria é autora de 17 livros, dentre os quais destacam-se, principalmente, memórias. Eleita para a Academia Brasileira de Letras em 2001, Gattai ocupou a cadeira 23, inaugurada pelo romântico José de Alencar, ocupada pelo realista Machado de Assis e posteriormente pelo modernista Jorge Amado, seu marido, o qual, segundo ela, foi o principal incentivador para a publicação do primeiro livro de Zélia: *Anarquistas, Graças a Deus*.

Filha de imigrantes italianos, Gattai retrata, sob um olhar inocente e infantil, a cidade de São Paulo e todas as transformações sociais e tecnológicas que aconteciam no Brasil dos anos 1920, país com um sistema de governo republicano ainda jovem e repleto de estruturas ainda vigentes da monarquia destituída, como a própria e recente abolição da escravatura e a importação de mão de obra europeia, da qual a família da autora é proveniente.

Narrado em primeira pessoa, com um certo afastamento temporal, Zélia narra de forma leve o cotidiano de sua família durante a primeira parte de sua vida. O livro é dividido em uma série de capítulos curtos que possuem características semelhantes a crônicas, uma vez que é possível observar uma estrutura de começo, meio e fim no que diz respeito à situação elencada. Neste sentido, a obra aborda diversos momentos da infância de Gattai com detalhes muito marcantes, como as idas ao cinema ou os sentimentos vividos pela menina.

Com a casa sempre cheia, a vida da menina Zélia é permeada por histórias. Seus pais Ernesto e Angelina são nascidos na Itália e vieram para o Brasil ainda crianças durante a última década do século XIX. Ele, mecânico experiente, começou como motorista e depois conseguiu independência com sua própria oficina. Ela, leitora assídua e fonte de toda a cultura artística da casa, sempre lendo, tanto clássicos da literatura como *Os Miseráveis*, do francês Victor Hugo, romances baratos e até legenda dos filmes no cinema para a maioria analfabeta. Ambos, porém, convictos de suas posições políticas, que muito divergiam do fascismo de Benito Mussolini. Outras personagens como Vera, Wanda, Tito e Maria Negra habitavam o lar e o imaginário de Zélia.

Anarquistas, Graças a Deus, de Zélia Gattai, é um livro de memórias que oferece ao leitor uma visão única da vida na primeira metade do século XX no Brasil. A autora nasceu em São Paulo em 1916 e cresceu em uma família de anarquistas.

O livro conta a história de sua infância e adolescência e mostra ao leitor como era a vida para uma criança italiana em uma cidade brasileira em um momento de grande mudança social e política.

O livro oferece um testemunho valioso de uma época significativa da história brasileira. As memórias e experiências pessoais de Zélia Gattai proporcionam uma perspectiva única sobre eventos e mudanças sociais do Brasil no século XX. A obra é escrita por uma mulher e oferece uma perspectiva feminina sobre a história e a cultura brasileira. Zélia Gattai era uma autora talentosa e uma figura importante no cenário literário brasileiro, e seu livro também contribui para aumentar a representatividade feminina na literatura.

O livro ajuda o leitor a entender melhor a história do Brasil e a forma como o país se desenvolveu. Ele também ajuda a entender melhor a experiência dos imigrantes italianos no Brasil e a forma como eles contribuíram para a construção da sociedade brasileira. Além disso, o livro é uma obra de literatura de alta qualidade. A escrita de Zélia Gattai é elegante e poética, e ela consegue transmitir ao leitor a beleza e a alegria da vida, mesmo em meio às dificuldades.

Maria Negra, foco deste artigo, representa um papel muito desempenhado pelas mulheres negras na época em que o romance se ambienta: a empregada doméstica que reside na casa dos patrões e trabalha em troca de alimento e moradia. A ela é atribuída a escolha o nome da autora, que afirma que Zélia foi ideia de Maria, chamada Negra, mas Conceição por batismo. Logo em sua primeira aparição há uma recomendação que busca desvencilhar a sua figura do racismo, excerto este que é resultado de um questionamento acerca do apelido da personagem: “Por que Maria Negra e não Maria da Conceição, se seu nome era este? Não foi racismo que lhe deram o apelido, isso não! Aquela era uma casa de livres-pensadores, de anarquistas. Inteiramente absurda semelhante hipótese, nem mesmo por brincadeira!” (Gattai, 2009, p. 22).

Segundo Custódio (2005), após os trâmites para a proibição da escravidão entrar em vigor, houve por parte do Império e, posteriormente pelo governo republicano instaurado, o incentivo para uma política de imigração europeia para o trabalho braçal. Porém, a escolha por trabalhadores brancos não era gratuita, mas sim permeada por teorias sociais de preservação e “purificação” de uma raça branca. Esta situação gerou na população economicamente dominante o desejo de possuir empregados brancos, o que impulsionou a má-remuneração para os trabalhadores negros que, obrigados pelo contexto, habitaram as periferias das cidades.

A família dos Gattai está inserida neste contexto. Imigrantes italianos, vieram ao Brasil em busca de trabalho e a fim de realizar uma experiência social comunista, a qual, impulsionada por D. Pedro II, funcionaria em uma colônia experimental, entretanto, com o fim da monarquia, não se concretizou. Observa-se, portanto que há este apelo social que torna a família Gattai bastante singular, e a autora justifica as ideias de seus pais para desvincular a personagem Maria Negra do racismo. De fato, Maria possuía uma importância singular e é descrita como parte da família, alguém que se senta para comer à mesa com os patrões: “[Maria] Era a primeira a sentar-se à mesa com a família – papai não admitia que alguém comesse na cozinha, fosse lá quem fosse –, servia aos meninos, descobrindo logo o gosto de cada um, dona de grande personalidade” (Gattai, 2009 p. 22).

É possível perceber que, mesmo sendo relativamente bem tratada, situação incomum aos registros da época, em que as chamadas “mucamas” se destinavam apenas à cozinha e afazeres domésticos – e muitas vezes carnavais dos seus patrões

–, Maria ainda assim era uma profissional e estava disposta a servir os integrantes da família.

A situação de Maria, mesmo que branda se comparada a outros casos, é herança do período de escravidão no país. A título de análise, desde a chegada das caravelas, o Brasil possuiu mais tempo com mão de obra escrava do que livre. A abolição tardia e sem amparo em relação a outros países ainda produz marcas na sociedade que culminam em Maria Negra. Conforme Custódio (2005), a ausência de políticas públicas para assistência pós-escravidão não fez dos ex-escravizados pessoas livres e cidadãos, mas sim escancarou a pobreza e miséria do país.

A partir de 13 de maio de 1888 o negro passa a conhecer uma nova forma de vida na sociedade brasileira. Escreve Florestan Fernandes: “aos escravos foi concedida à liberdade teórica sem qualquer garantia de segurança econômica ou de assistência compulsória” (1965). Esse fato transportou os negros das senzalas para os cortiços nas zonas urbanas (Custódio, 2005, p. 40).

Muitos ainda continuaram a prestar os mesmos serviços de quando eram cativos, ou herdaram o que fora de seus pais. Maria, por exemplo, foi vítima das mesmas circunstâncias: pobre, sem moradia própria, analfabeta e menor de idade, criou-se trabalhando para a família. Sua história não é única. Em sua literatura infantil, Monteiro Lobato descreve uma personagem semelhante à Maria Negra, Tia Nastácia. Ambas representam as mesmas figuras e desempenham as mesmas funções durante períodos muito próximos de tempo, porém, salvo episódios específicos de subserviência, são tidas como membros familiares.

Entretanto, apesar do certo apagamento de suas histórias em decorrência da opressão colonial e escravocrata, as duas personagens carregam consigo a tradição cultural herdada de seus antepassados: Nastácia é uma nata contadora de histórias e conhecedora da cultura da mata, lendas e receitas. Maria, quase como uma alquimista, sabe preparar mandingas e simpatias para conter a chuva, saberes que só a tradição popular, transmitida oralmente, pode abarcar. Características estas próprias do *Griô*, uma espécie de guardião da cultura africana de origem ancestral, conforme pontua Almeida (2016).

A partir disso, pode-se dividir a trajetória de Maria em três pontos chave: a chegada na família e seus atributos do cotidiano, somados à sua forte personalidade que muitas vezes tirava Angelina do sério, porém sempre marcada pela sua eficiência e dedicação ao serviço que desempenhava: “A primeira a levantar-se, todas as manhãs, era Maria Negra, e enquanto todos dormiam, ela saía em busca do jornal, do pão e do leite” (Gattai, 2009, p. 87).

Uma marca de Maria é a sua forte personalidade. Analfabeta, recusava-se a aprender a ler e escrever por considerar-se incapaz, fora convencida por Wanda que lendo poderia compreender por si própria os bilhetes que recebia do rapaz por quem nutria interesse amoroso.

Wanda compreendia bem a felicidade de Maria Negra em sua estreia no amor. Disposta a alcovitar o namoro, aproveitou-se do entusiasmo da moça para convencê-la a estudar, vencer sua teimosia, sua relutância em aprender [...] – Olhe, Maria, de amanhã em diante vamos começar nossas aulas. E não me venha com a conversa de que é burra, de que não aprende, você é muito inteligente, isso sim. (Gattai, 2009, p. 105).

O amor abre caminho para o segundo ponto da trajetória da personagem. Em dado momento, Maria Negra cai em profundo mal-estar e adoece. Wanda e Vera assumem os afazeres da casa enquanto ela fica de repouso. Sem respostas aos tratamentos, Angelina a questiona sobre uma possível violência sexual e tem como resposta apenas o pranto e o desespero de Maria. Aponta Custódio (2005) que, no período escravocrata, a condição da mulher escravizada era duplamente oprimida, tanto pela raça, quanto pelo feminino.

Deve-se acrescentar que os efeitos devastadores da escravidão foram diferentes nos casos dos homens e no caso das mulheres. A demonstração de poder sobre a coisa (escravo) se dava de maneira diferente nas relações senhor-escravo, senhora-escravo, senhor-escrava, senhora-escrava. Segundo Giacomini (1982) as relações entre senhor-escravo e senhora-escrava se realizaram de modo a exercer o poder pela força, já nas relações entre senhor-escrava, esse poder geralmente era exercido através da sexualidade (Custódio, 2005, p. 39).

Mesmo não sendo pelo patrão, a violência sexual perpassou a vida de Maria Negra, resultando em uma gravidez na menoridade, trazendo à tona o fato de que a cor a colocava em uma situação de subalternidade em detrimento dos seus patrões, e sua feminilidade elevava sua inferioridade social, sujeitando-a a abusos de muitos lados.

A gestação de Maria a leva para o terceiro ponto de sua história, o qual mudaria sua vida radicalmente, o casamento. “Disposto a reparar o mal”, Luiz, namorado de Maria, casa-se com ela, levando-a para a chácara de sua família. Neste ponto, a personagem tem sua emancipação enquanto empregada residente e caminha para a independência. Contudo, o lugar é descrito como “uma casa miserável, uma tapera: dois quatinhos acanhados, cozinha caindo aos pedaços e a privada lá fora” (Gattai, 2009, p. 165). Ou seja, assim como os escravizados livres, Maria teria sua emancipação precária e complexa, sujeita agora a ser esposa e mãe.

Mesmo grávida, a personagem é sujeita a situações de trabalho duro, o qual era realizado unicamente por ela: “[Maria Negra] agora arcava sozinha com toda a responsabilidade da casa, inclusive a da enxada, cavoucando a terra para a plantação” (Gattai, 2009, p. 194).

A abolição da escravatura no Brasil em 1888 foi um marco importante na história do país, mas não significou o fim das desigualdades para os negros. Na verdade, a abolição veio acompanhada de uma série de desafios (condições precárias de trabalho e preconceito), que continuaram a afetar a vida dos negros nas décadas seguintes. A escravidão deixou uma profunda marca na sociedade brasileira e os negros continuaram a sofrer as consequências da desumanização que sofreram durante esse período. Ou seja, a abolição da escravatura foi um passo importante na história do Brasil, mas não foi suficiente para acabar com as desigualdades para os negros. Os negros continuaram a enfrentar uma série de desafios nas décadas seguintes, que foram fruto da herança da escravidão.

Os desafios que os negros enfrentaram após a abolição da escravatura tiveram um impacto profundo em suas vidas. Eles muitas vezes foram forçados a viver na pobreza, tinham acesso limitado à educação e à saúde e eram mais propensos a serem vítimas de violência.

Percebe-se que, Maria Negra reproduz, de forma metonímica, a vida dos escravizados pós-abolição que, mesmo teoricamente livres, ainda sofrem às condições e a herança de um país marcado pela desumanização de pessoas negras.

3 CLUBE DE LEITURA VIRTUAL JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: LEITURA DA OBRA DE ZÉLIA

A obra *Anarquistas, Graças a Deus* foi lida pelo “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza”, um projeto interinstitucional que une UNESPAR, *campus* Paranavaí/PR, curso de Letras Português e Inglês e FACCAT, *campus* Tupã/SP e comunidade acadêmica das duas universidades, com o objetivo de incentivar a e oportunizar o contato entre leitores e obras que não seriam lidas em outro contexto.

Mensalmente, os integrantes reúnem-se virtualmente via *Google Meet* para a discussão da obra e interação dos leitores, e a partir disso, é possível observar como uma mesma obra pode ser vista por um viés específico de cada leitor, haja vista suas vivências únicas, ocasionadas principalmente pelo contexto em que vivem. Tal assunto torna-se pertinente à medida que se percebe o grau de heterogeneidade do clube, afinal, é perceptível a diferença tanto geográfica, uma vez que o público pertence a dois estados diferentes, bem como o nível acadêmico, já que, apesar de ser um projeto principalmente voltado a acadêmicos, há também alunos egressos, professores universitários e de educação básica.

Portanto, o contato e a interação transformam a percepção de leitura de cada um, tornando a discussão viável e diversificada. Uma vez que, de acordo com Cosson (2021), a interpretação de um texto, mesmo parecendo de caráter unicamente pessoal, liga-se a uma “infraestrutura social da leitura”, cita o autor os pensamentos de Elizabeth Long. Ou seja, lendo em conjunto, os leitores apropriam-se das vivências de outros participantes, compondo uma teia de repertório, social, histórico e ideológico de ampliação de horizontes interpretativos a partir do diálogo (Cosson, 2021).

Neste sentido, o clube de leitura oportuniza o debate de obras artístico-literárias e cria espaços para compartilhamento de ideias e perspectivas. Por meio do formulário de presença e comentários, tanto por participação oral quanto via *chat*, ajudam a entender como o livro é percebido pelos leitores.

A partir disso, computou-se a presença de vinte participantes durante a discussão da obra *Anarquistas, Graças a Deus*, dos quais, 40% afirmou ter lido o texto integralmente, 40% leu mais da metade e 20% começou a leitura, mas não conseguiu chegar à metade. 95% dos leitores gostaram muito do livro, ao passo que 5% gostou um pouco.

Sobre a recepção da obra, observa-se que os comentários foram bastante positivos e mesmo aqueles que não terminaram a leitura mostram-se interessados a continuar. Dentre os comentários feitos, destacam-se:

Gostei muito do livro, foi uma leitura rápida e muito fluída, o fato da narradora ser uma criança me trouxe momentos da minha infância, me fez rever meu álbum de bebê, a maneira como ela falava das transformações da avenida Paulista e alameda Santos, me levou lá para um período da minha infância que foi quando eles acabaram com nossas brincadeiras asphaltando a rua de casa, lembro do caminho de piche descendo e a gente ainda brincando na rua. Rua esta que eu cresci, e vivi até pouco tempo, onde fica a casa dos meus avós e vários tios, costumo dizer que a rua deveria ter o nome da

minha família (risos). O livro foi surpreendente pois imaginava outra coisa, imaginava algo cheio de greves, brigas políticas e encontrei um livro narrado por uma garota contando suas memórias (Integrante I).

Gostei muito da forma de escrita dela também, muito clara, bem simples de ler, bem detalhista, que acho que é o que facilita essa visão. Como se mergulhássemos dentro da história como se fosse nossa e poder ver o cenário (Integrante II).

É notório que diversos participantes elegeram a leveza da escrita como fator determinante para que o livro fosse considerado bom. Também destacaram o caráter infantil de como a autora apresenta as situações, o que gerou o sentimento de nostalgia em muitos dos integrantes do clube.

Alguns, porém, em contrariedade aos demais, relataram não terem criado relações de afeto aos personagens, mesmo tendo um grau de proximidade com o livro.

Foi uma obra que, apesar da parte histórica referente a imigração italiana, a visão da crescente São Paulo, alguns marcos como o Carnaval, as pequenas linhas de política, esta foi uma obra que eu não tive nenhum apoio sentimental, tanto pela história da Zélia quanto pelos próprios personagens no qual não me apeguei (Integrante III).

Outros, que ainda não haviam concluído a leitura, afirmaram que continuariam mesmo após a reunião, motivados pela discussão e apontamento dos outros integrantes.

Até o momento da leitura que parei, achei a obra muito interessante e fluída. Não vejo a hora de terminá-la (Integrante IV).

Um louvável retrato (até o momento) sobre uma memória distante sobre uma cidade em constante movimento (Integrante V).

Pode-se concluir que o livro de Zélia Gattai foi muito bem recebido pelo “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza”. A obra *Anarquistas, Graças a Deus* é caracterizada tanto pelo caráter histórico presente no texto. Afinal mostra a cidade de São Paulo em constante crescimento e movimentação durante a década de 1920, a questão da importação de mão de obra europeia e as condições de vida desta população sob o olhar pueril do cotidiano de uma família paulista.

Ler *Anarquistas, Graças a Deus* é uma oportunidade para conhecer a história, a cultura e a vida de uma das figuras literárias importantes do Brasil, além de refletir sobre temas relevantes para a sociedade brasileira e a trajetória do país.

3.1 A visão dos integrantes do “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza” sobre a personagem Maria Negra

Uma das questões feitas ao grupo foi em relação à personagem Maria Negra, a qual pedia que os leitores avaliassem a condição e o papel da personagem na narrativa e contribuíssem para a discussão sob um olhar crítico e reflexivo, marcado pelo contexto social da mulher negra na primeira metade do século XX.

É possível notar que a literatura reflete as situações de seu tempo e carrega em si forte influência para determinar certos padrões vigentes socialmente. Isto é, pode-se entender a arte literária como um espelho de seu tempo.

A mulher negra é representada de forma complexa e multifacetada no romance autobiográfico de Zélia Gattai, *Anarquistas, Graças a Deus*. A autora, que é branca, cresceu em uma família pobre e operária no Brasil entre os anos 1930 e 1940, viu de perto as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, que eram frequentemente discriminadas no mercado de trabalho, na educação e na sociedade como um todo. O romance também é um lembrete de que a luta contra a discriminação e a desigualdade ainda está longe de acabar.

Na primeira metade do século XX, as mulheres negras no Brasil desempenhavam uma série de funções na sociedade, muitas das quais refletiam as estruturas sociais, culturais e econômicas da época. É importante lembrar que a experiência das mulheres negras era diversa e variava de acordo com a região do país e outros fatores. Uma função comum para mulheres negras era o trabalho doméstico, servindo como empregadas domésticas e babás em casas de famílias brancas. Elas eram responsáveis pelas tarefas domésticas, cuidado de crianças e idosos, e frequentemente eram submetidas a condições de trabalho precárias e mal remuneradas.

É fundamental notar que, durante esse período histórico, as mulheres negras enfrentavam discriminação racial e de gênero, o que tornava mais desafiador o acesso a oportunidades educacionais e empregos formais, além de limitar suas possibilidades de ascensão social.

No contexto histórico da época, as mulheres negras eram duplamente discriminadas: por serem mulheres e por serem negras. Elas enfrentavam dificuldades para conseguir educação, emprego e acesso a serviços básicos. Além disso, eram vítimas de violência doméstica, sexual e racial.

Neste sentido, a personagem Maria Negra, mesmo em menor grau em comparação a outras mulheres da mesma época, sofre as mazelas de seu tempo. Aponta Cosson (2021) que “toda leitura é, assim, um diálogo com o passado, próximo ou remoto, que busca paradoxalmente eliminar esse passado, presentificar o passado” (Cosson, p. 36, 2021). Ou seja, por meio da leitura, pode-se compreender o mundo individual e coletivo além dos limites do tempo e espaço, colaborando para a criação de um sentimento de humanização, como aponta Antonio Candido (1972).

Com isso, a integração de leitores em um círculo de leitura dá margem, tanto para a ampliação do repertório literário dos integrantes, quanto para propor novos olhares para sentidos e pontos de vista diferentes. Desta forma, a relação autor-obra-leitor torna-se mais forte.

Durante a discussão, diversos pontos foram trazidos ao centro do debate, retratando e analisando Maria Negra no contexto de mulher, negra, empregada doméstica, menor de idade, sem moradia própria e analfabeta. Também se caracteriza o temperamento da personagem como difícil e forte.

Com um olhar de leitores do século XXI, dentre os comentários feitos pelos integrantes do clube, destacam-se: “[Maria Negra é] uma criada que em troca de moradia e comida trabalhava na casa dos italianos Gattai. Independentemente de qualquer nacionalidade ou condição econômica, o negro aparece em condições inferiores” (Integrante VI).

É possível perceber uma certa concordância dos leitores a respeito de Maria Negra. No comentário do integrante IV, nota-se o grau de subalternidade atribuído a ela, tendo em vista que a família para a qual trabalhava não era abastada

economicamente, mas sim eram imigrantes vindos ao Brasil como mão de obra. Ou seja, socialmente, os negros eram tratados como a parcela mais baixa da estratificação social: “Eu vejo como mais uma ‘empregada’ que é tratada como da família e provavelmente não recebia um salário justo ou nenhum, cheguei a esta opinião quando ela ‘casa’ e fala que ela sai com uma mão na frente e outra atrás” (Integrante VII).

Os leitores também afirmaram que, mesmo após a sua “emancipação”, Maria Negra não recebeu um apoio monetário justo, além de alguns presentes dados por Angelina e os sentimentos das meninas: “Maria Negra, era um retrato de muitas histórias de pessoas que vivem sem ganhar nada só pra ter um lar, e com isso muitas vezes são abusadas em todos os sentidos por falta de conhecimento ou oportunidades” (Integrante VIII).

Outro ponto marcante na vida de Maria Negra diz respeito aos abusos aos quais era sujeitada, como no episódio em que engravida ainda muito nova, vítima de uma violência sexual.

Maria Negra se encaixou num padrão brasileiro, infelizmente comum, de empregada negra da família branca. Uma triste marca de nossa história que ainda persiste. Ela esteve servindo, lavando, passando, acompanhando, porém, um ponto diferente foi por mim percebido, ela é tratada como parte da família, uma amiga, tem uma participação mais íntima. É, de certa forma, valorizada, tendo em vista a época em que se passa a história (Integrante IX).

Maria Negra foi uma personagem importante da trama, tanto pela história, pela idade que chama atenção (é dito que ela era quase uma menina) mas que já chegou sabendo seu lugar ali e o que fazer. Foi legal ver que a mãe de Zélia e as filhas não queriam que fosse embora, e que ela ainda aparece alguns capítulos a frente, mostrando que elas realmente se apegaram a mulher (Integrante X).

Constataram também, assim como o integrante IX e X, que Maria Negra era um personagem importante no núcleo familiar dos Gattai, e tida como uma pessoa que acompanhava de perto e inclusive participava da vida como um membro da família, o que causa um sentimento saudosista, por parte das crianças, quando se casa.

Em consonância, os valores herdados da história foram tidos como marcas decisivas no processo de formação social da personagem, os quais não são unicamente brasileiros, mas mundiais, como mencionado nos seguintes comentários:

[Maria Negra representa] A ideia racista normalizada da figura americana da Nanny (Integrante XI).

Na minha percepção, Maria Negra, apesar de “fazer parte” da família Gattai possui papel de uma funcionária (no contexto histórico-social da época): ela levanta cedo para preparar o café e almoço, cuida de Zélia, não sabe ler e escrever, etc. (Integrante XII).

Maria é uma personagem importante em *Anarquistas, Graças a Deus*, de Zélia Gattai. Ela é a babá de Zélia e seus irmãos, e é uma figura importante na vida da família Gattai. Maria é uma mulher forte e independente, e é uma fonte de apoio e sabedoria para Zélia e seus familiares, deixando marca profunda na vida deles.

A personagem de Maria pode ser vista como uma figura que enfrenta situações de exploração e desigualdade, mas é importante abordar essa questão com sensibilidade e considerar o contexto histórico e social em que a personagem está inserida. Na primeira metade do século XX, quando se passa a narrativa do livro, a discriminação racial e as desigualdades sociais eram muito presentes na sociedade brasileira. Muitas mulheres negras trabalhavam como empregadas domésticas, mas frequentemente enfrentavam condições precárias de trabalho, baixos salários ou até mesmo a ausência de pagamento.

É importante ressaltar que a experiência de Maria e de muitas mulheres negras na época refletia as desigualdades estruturais e históricas resultantes da escravidão e do pós-abolição. Embora a escravidão oficial tivesse sido abolida em 1888, muitas das práticas e mentalidades que a sustentavam ainda persistiam, relegando muitas mulheres negras a situações de exploração e subjugação. É importante reconhecer que as condições de trabalho de muitas mulheres negras no período abordado na obra podiam ser profundamente injustas e exploradoras, com poucos direitos e oportunidades de ascensão social.

Esses desafios continuam a afetar as mulheres negras no Brasil hoje. Ainda hoje, as negras brasileiras são mais pobres, têm menos acesso à educação e à saúde e são mais vítimas de violência do que as brancas. Isso mostra que a abolição da escravidão não foi suficiente para acabar com as desigualdades raciais no Brasil. É preciso continuar lutando por uma sociedade mais justa e igualitária para todos, independentemente da raça.

Por meio da representação da personagem Maria, Zélia Gattai oferece um retrato vívido de uma realidade que permeava a sociedade brasileira naquele momento, permitindo aos leitores refletir sobre as desigualdades sociais, as questões raciais e os desafios enfrentados pelas mulheres negras naquela época. É uma oportunidade para confrontar as questões sociais e trabalhar em direção a uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as pessoas, independentemente de sua raça ou origem, possam viver com dignidade e respeito.

A partir disso, é cabível concluir que os leitores do clube de leitura, sendo a parte do todo o contexto do século atual, compreendem de maneira crítica a participação de Maria Negra do enredo de *Anarquistas, Graças a Deus*, e fazem relações históricas e políticas que exprimem a condição da mulher negra no Brasil em construção, tanto de valores republicanos como de identidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as funções de um texto literário, pode-se elencar a de refletir os valores de seu tempo de modo a compor uma realidade, muitas vezes fictícia, mas que tenha certa mimese com o mundo real. Nesta ótica, a personagem Maria Negra, do romance de memórias de Zélia Gattai, *Anarquistas, Graças a Deus* (1979), mesmo que com aspectos singulares, reproduz a lógica da mulher negra empregada, herdada dos 300 anos de escravidão. O fato de a obra ser marcada por relatos autobiográficos torna o estudo histórico ainda mais palpável, no sentido de ilustrar a realidade de seu tempo.

Percebe-se ainda que os leitores do século XXI, a partir da experiência do “Clube de Leitura Virtual João Anzanello Carrascoza”, possuem uma visão crítica e reflexiva acerca da personagem como um todo, desde de a sua idade, passando por sua condição de analfabetismo e até as violências sofridas em maior grau pelas mulheres em situações análogas.

Além disso, destaca-se a importância dos círculos de leitura para o debate de ideias e a manutenção do acesso à literatura, de modo a discutir aspectos interessantes, tanto para a arte quanto para a sociedade, dentro da literatura. Os clubes de leitura também incentivam e promovem a leitura de obras literárias, tornando-as acessíveis a um grupo de pessoas interessadas em compartilhar suas experiências de leitura, uma vez que fornecem um espaço para que os participantes compartilhem suas opiniões, e interpretações sobre os livros lidos.

O “Clube de leitura João Anzanello Carrascoza” escolhe livros de diferentes gêneros, estilos, nacionalidades e épocas. Isso leva os membros a expandirem seus horizontes literários, lendo obras que talvez não lessem por conta própria. Ao participarem das discussões nos clubes de leitura, os membros são incentivados a refletir criticamente sobre os elementos literários e os contextos sociais e culturais presentes nas obras, como foi o caso da obra em pauta, que aborda questões sociais relevantes, como desigualdade, preconceitos, identidade e pertencimento, proporcionando aos integrantes um espaço para refletir sobre essas temáticas e como elas se relacionam com a sociedade atual.

No geral, os clubes de leitura são uma valiosa contribuição para a cultura literária, a troca de conhecimentos e a construção de uma sociedade mais crítica, inclusiva e conectada por meio da literatura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angélica Ferrarez. O ofício dos griôs na África Ocidental: sobre mitificação, classificação e a dimensão da palavra. In: **Áfricas: política sociedade e cultura**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Edições Áfricas, Rio de Janeiro, 2016.

CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a formação do homem**. Ciência e cultura, São Paulo. v. 9, n. 24, p. 803-809, set. 1972.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2021.

CUSTÓDIO, Meliza da Silva. Mulher negra: da inserção na história a inserção na propaganda. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 5, n. 1/2/3, p. 37-49, 2005.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções literárias. In: **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record; 2003. p.9-21.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, Graças a Deus**. Record, Rio de Janeiro: 1979.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, Graças a Deus**. Companhia das Letras, São Paulo: 2009.